

GNOSIOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO UM ESTUDO DAS TEORIAS DO CONHECIMENTO DE PAULO FREIRE E CÉLESTIN FREINET

Adriana de Vasconcelos Cavalcanti ¹
Flávio Boleiz Júnior ²

RESUMO

O trabalho traz uma reflexão no que concerne às gnosiologias de Célestin Freinet e de Paulo Freire e da implicação que provoca a transformação do sujeito, por meio do que Freinet desenvolveu com base no empirismo experimental no decorrer de experiências da vivência escolar, a sua Educação do Trabalho ou “*Education du travail*” e de Freire que organizou sua práxis educativa transformadora ao educar por meio da liberdade e da não-opressão. O estudo teve como fonte as principais obras de Paulo Freire e Célestin Freinet, para a identificação dessas teorias e suas influências sobre o processo de transformação do indivíduo por meio da prática educativa. A pesquisa foi de cunho bibliográfico, e buscar-se-á assumir a condição de sujeito perante o texto que deve se manifestar pela atitude crítica. Os conceitos tomados como base, foram os de educação, gnosiologia, trabalho, opressão, alienação e transformação. Para o estudo, o trabalho foi desenvolvido a partir de eixos de análise. A conclusão reafirma as aproximações e similaridades entre os pensamentos de Freinet e Freire, destacando o caráter popular de suas pedagogias e a busca, por parte de ambos, de técnicas e metodologias que favorecerão uma estreita conexão entre a vida e a sala de aulas, seja nas escolas em que Freinet trabalhou, seja nos círculos de cultura organizados por Freire.

Palavras-chave: Educação; Gnosiologia; Liberdade; Trabalho; Transformação.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca refletir sobre as teorias do conhecimento de Paulo Freire e de Célestin Freinet, como ponte para construção do conhecimento que transcendem para transformação do sujeito por meio da educação. É urgente na contemporaneidade trazer para o debate e para a formação de professores teorias e abordagens que impliquem em uma outra educação, a educação que transforma e emancipa sujeitos, e que ultrapasse a barreira utópica que se ergue quando pensamos uma proposta educativa nestes moldes que se contrapõe à educação que temos.

¹ Doutoranda em Educação (PPGE) pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – (UFRN), adricacavalcante@gmail.com;

² Professor do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação (DFPE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- (UFRN), flavio.boleiz@ufrn.br;



Para dialogar sobre a construção do conhecimento de Célestin Freinet e de Paulo Freire, é importante compreender que tal processo constitui uma das temáticas centrais no campo da Filosofia e da História da Educação, uma vez que reflete as formas pelas quais o ser humano se compreende e se relaciona com o mundo. Em contextos marcados por desigualdades sociais e crises de sentido, repensar o papel da educação torna-se tarefa urgente.

Nesse sentido, este artigo propõe uma reflexão sobre as concepções de conhecimento em Célestin Freinet e Paulo Freire, dois educadores cujas teorias convergem na defesa de uma pedagogia dialógica, crítica e transformadora. Freinet, ao desenvolver o Método Natural de Aprendizagem, e Freire, ao formular sua gnosiologia libertadora, apontam caminhos para uma educação que reconhece o educando como sujeito ativo do processo de aprendizagem e o professor como mediador de experiências e descobertas.

A pesquisa partiu-se de um estudo bibliográfico de obras como Educação pelo Trabalho, Freinet (1998); Pedagogia do Oprimido, Freire (1987), e Educação como Prática da Liberdade Freire (1983), pretende-se compreender as interfaces entre a educação do trabalho e a educação como prática de liberdade, analisando as suas implicações para a formação humana. Estas obras apresentam fundamentos teóricos que convergem para uma concepção de educação como prática libertadora e transformadora dos sujeitos.

Ambos os autores rompem com a educação tradicional, centrada na transmissão de conteúdos, e propõem práticas pedagógicas que valorizam a experiência, o diálogo e a autonomia dos educandos. Em Freire, a educação é um ato político que visa à conscientização crítica — o “desvelamento da realidade” — para que o oprimido se reconheça como sujeito histórico capaz de intervir e transformar o mundo.

Freinet, por sua vez, entende o trabalho como princípio educativo fundamental. Para ele, aprender deve estar relacionado à vida, às necessidades concretas e às atividades criativas do estudante, a escola se torna um canteiro de obras a ser explorado. O método do “texto livre”, a imprensa escolar e o cooperativismo são expressões dessa proposta pedagógica, em que o aluno constrói conhecimento por meio da ação e da cooperação. Assim como Freire, Freinet valoriza o protagonismo do educando e a função emancipadora da escola, defendendo uma educação que se realiza na prática social e no diálogo entre professor e aluno.



Ao dialogar com as duas teorias, percebe-se que ambas convergem na defesa de uma educação transformadora, centrada no educando como sujeito de sua própria história. Tanto Freire quanto Freinet reconhecem o potencial político e ético do ato educativo: ensinar é um gesto de esperança e compromisso com a libertação individual e coletiva. Em síntese, suas pedagogias nos convidam a repensar o papel da escola como espaço de construção crítica do saber e de humanização — uma educação que forma não apenas para o trabalho, mas para a vida em sociedade.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se em uma pesquisa de caráter bibliográfico, desenvolvida a partir da análise crítica e interpretativa das obras *Pedagogia do Oprimido* (Paulo Freire), *Educação como Prática da Liberdade* (Paulo Freire) e *Educação do Trabalho* (Célestin Freinet).

A escolha por essa abordagem justifica-se pela relevância desses autores na constituição de uma pedagogia voltada à emancipação humana e à transformação social, permitindo a compreensão das convergências teóricas que orientam uma educação libertadora e participativa.

O percurso metodológico envolveu a leitura sistemática e comparativa dos textos selecionados, com o objetivo de identificar princípios pedagógicos comuns, tais como a centralidade do diálogo, a valorização da experiência concreta dos educandos e a relação entre educação e prática social. A análise foi guiada por uma perspectiva qualitativa, buscando compreender como as concepções de Freire e Freinet se articulam em torno da formação crítica e autônoma dos sujeitos.

Em Paulo Freire, destaca-se a compreensão da educação como um ato político e ético, em que o processo de conscientização possibilita ao oprimido reconhecer-se como sujeito histórico e agente de transformação. Já em Célestin Freinet, o trabalho e a cooperação em sala de aula assumem papel central na construção do conhecimento, evidenciando uma pedagogia ativa e participativa, que integra teoria e prática, pensamento e ação.

Nesse viés, uma pesquisa de cunho bibliográfico, exige ter uma postura responsável de sujeito curioso diante da leitura é estar inquieto intelectualmente falando, é “estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu.” (Freire, 2007b, p. 10).



Assim, a metodologia de estudo bibliográfico permitiu não apenas a revisão das ideias centrais desses autores, mas também a construção de um quadro analítico que evidencia a convergência entre suas concepções de educação — ambas compreendidas como práticas transformadoras que superam a mera transmissão de conteúdo e promovem o desenvolvimento integral e crítico dos sujeitos. A partir dessa leitura, o estudo reafirma a importância de uma pedagogia outra, capaz de promover autonomia, diálogo e compromisso com a transformação social.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico, descreve o fecundador pulsante para germinar o estudo no âmbito da organização do pensamento que se relaciona com o objeto de estudo à luz das práxis de ambos teóricos da educação, Célestin Freinet e Paulo Freire. A intenção foi explorar a importância do pensamento filosófico, de suas tensões com a historicidade educativa e das relações de ambos em suas especificidades e interdependências.

É interessante trazer para o debate que estes dois teóricos apesar de viverem em épocas diferentes, vivenciaram contextos sociais similares e desenvolveram teorias do conhecimento que se aproximam do que chamamos de “transformação por meio da educação”. Outro aspecto preponderante nesse diálogo entre Freinet e Freire são as relações entre educação e humanização. Pois defendem em suas práxis a substituição da educação tradicional pela educação orientada para a criação de disposições mentais críticas, favoráveis à participação, à coletividade, à dialogicidade e, consequentemente, à sua contribuição para com a democratização.

Sabemos que a educação é compreendida como prática social e política e que se constitui em um instrumento essencial para a transformação dos sujeitos e da realidade em que estão inseridos. Nesse contexto, as contribuições de Paulo Freire e Célestin Freinet revelam notável aproximação, ao proporem uma pedagogia para a construção coletiva do conhecimento.

Um ponto interessante que se revelou foi atinar para minguada produção científica que embasa o diálogo conjunto sobre as teorias de Célestin Freinet e de Paulo Freire, uma junção do que se entende como *Método Natural* — do primeiro — e *Pedagogia do oprimido* — do segundo — assim, o movimento da pesquisa foi provocar a reflexão constante em torno das teorias desenvolvidas por esses dois teóricos da educação popular,



para em um futuro próximo cumprir o propósito, ao servir de aporte teórico, para quem pensa na educação como um processo de transformação e não apenas como ato mecânico de transmissão de conhecimento, uma vez que é preciso refletir sobre a educação obtida, a educação desejada.

Nas tecituras desse movimento, reflete-se que, desde a Constituição Federal de 1988, o que lemos e ouvimos sobre a educação diz respeito a “Construir uma sociedade livre, justa e solidária; para favorecer o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; reduzir desigualdades sociais e garantir o desenvolvimento nacional” (Brasil, 1988, p. 10). Esses são os alicerces sobre os quais foi erguida a Constituição. Ao pensar nesses objetivos de construção de sociedade, é preciso refletir não apenas sobre educação, mas sim sobre libertação e conscientização humana.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) critica o modelo “bancário” de educação, em que o educador deposita conteúdos prontos nos educandos, sem considerar suas experiências e saberes prévios. Para o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 79). A superação da opressão, portanto, exige a consciência crítica e a práxis — ação e reflexão dos sujeitos sobre o mundo para transformá-lo. A educação é, assim, um ato político e libertador, comprometido com a humanização e a transformação social.

Seguindo com a obra *Educação como Prática da Liberdade*, Freire (1983) reforça a importância do diálogo como eixo central do processo educativo, defendendo que educador e educando aprendem juntos em uma relação horizontal. A educação, para ele, “é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (Freire, 1983, p. 16), e deve partir da realidade concreta dos educandos, possibilitando-lhes compreender criticamente o mundo e atuar sobre ele.

Sob o mesmo viés, Célestin Freinet, em *Educação do Trabalho* (1973), propõe uma pedagogia baseada na cooperação, na experiência e no trabalho, valorizando a atividade prática como elemento central do aprendizado. Para o autor, “a escola deve estar em contato com a vida” (Freinet, 1998, p. 25), defendendo métodos ativos e cooperativos que favoreçam a autonomia e a criatividade dos alunos. Assim como Freire, Freinet concebe a educação como um meio de emancipação individual e coletiva, promovendo a formação de sujeitos críticos e participativos.



Dessa forma, observa-se que as teorias de Freire e Freinet convergem para uma educação diferente da que conhecemos, rompendo com a passividade do ensino tradicional. Ambas as propostas afirmam a educação como prática de liberdade, na qual o sujeito é protagonista do processo educativo e da construção de um mundo mais justo e solidário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa entre Freinet e Freire revela uma profunda aproximação teórica em torno de três eixos fundamentais: o diálogo, a autonomia e a transformação. Ambos compreendem a educação como processo coletivo, pautado na interação entre educador e educando.

O Método Natural de Freinet se aproxima da concepção freireana de educação problematizadora, pois ambos se opõem ao autoritarismo e à passividade escolar. Enquanto Freinet propõe técnicas pedagógicas concretas — como o texto livre, o jornal escolar e a correspondência interescolar —, Freire propõe um método crítico de leitura do mundo, baseado nos temas geradores e na conscientização.

A principal diferença entre ambos reside na *ênfase*: Freinet parte da experiência concreta da criança no trabalho cooperativo; Freire, da experiência do oprimido na luta pela libertação. Contudo, ambos buscam o mesmo caminho ao afirmar que o conhecimento nasce da experiência vivida e é potencializado pelo diálogo e pela ação coletiva.

O estudo bibliográfico das obras evidencia que o conhecimento, para ambos, é movimento e construção permanente, implicando compromisso ético e político com a emancipação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a construção do conhecimento em Freinet e Freire evidencia que ambos compreendem a educação como um processo humanizador, transformador e libertador. Ao aproximar a educação do trabalho e a gnosiologia freireana, este estudo reconhece que a prática pedagógica só se realiza plenamente quando promove autonomia, crítica e solidariedade.



É inevitável não dizer que em um contexto educacional marcado por desafios sociais, culturais e econômicos, torna-se essencial revisitar e aprofundar o estudo das ideias de pensadores como Paulo Freire e Célestin Freinet, cujas contribuições permanecem profundamente atuais.

O Estudo bibliográfico possibilitou identificar e refletir sobre o fio condutor que une os dois pensadores: a crença na capacidade do ser humano de construir conhecimento por meio da experiência, do diálogo e da ação. Freinet e Freire, cada um à sua maneira, reafirmam que educar é um ato político e ético, e que o conhecimento é sempre situado e relacional.

Nesse sentido, suas contribuições permanecem atuais e necessárias para repensar a educação contemporânea, sobretudo em contextos de desigualdade e desumanização. A construção do conhecimento, entendida como prática de liberdade e de trabalho criador, continua sendo a semente da transformação social.

Aprender mais sobre esses dois educadores é, portanto, um passo fundamental para repensar práticas pedagógicas que ainda reproduzem modelos autoritários e desumanizadores. Freire e Freinet oferecem caminhos para uma educação crítica, participativa e solidária, que reconhece o estudante como ser histórico, social e criador. Suas teorias nos convocam a transformar a escola em um espaço de diálogo, de trabalho significativo e de libertação.

Assim, Paulo Freire e Célestin Freinet permanecem como paradigmas vivos da educação emancipadora contemporânea, inspirando práticas que reafirmam o diálogo, o trabalho e a liberdade como fundamentos de uma pedagogia humanizadora, capaz de formar sujeitos críticos e transformadores de sua própria realidade.

Por fim, que a semente desta pesquisa germine em solo fértil, para que o *buscar conhecimento*, esse movimento constante, proporcione aos que busquem a leitura desse texto, novos pensamentos, aprendizagens, comparações e, principalmente, *ciência*, sempre com rigor, responsabilidade, cuidado e esperança.

Esperançar, nas palavras atribuídas a Paulo Freire, é “ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar” (Freire, 1997, p. 18). E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.” Vamos esperançar.



REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

FREINET, Célestin. Educação do trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983/2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.

